



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI
CURSO DE FILOSOFIA

Aristóteles e o argumento metafísico acerca do Primeiro Motor

Pedro Vítor Fernandes Damião

MOSSORÓ - RN
2021

Pedro Vítor Fernandes Damião

Aristóteles e o argumento metafísico acerca do Primeiro Motor

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador (a):
Prof^a. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto

MOSSORÓ - RN
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D158a Damião, Pedro Vítor Fernandes
 Aristóteles e o argumento metafísico acerca do Primeiro Motor. / Pedro Vítor Fernandes Damião. - Mossoró, 2021.
 45p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto.

Monografia (Graduação em Filosofia). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Aristóteles. 2. Metafísica. 3. Movimento. 4. Primeiro Motor. 5. Substância. I. Porto, Maria Vera Lúcia Pessoa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

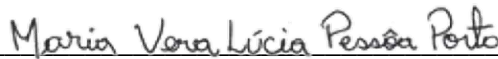
Pedro Vítor Fernandes Damião

Aristóteles e o argumento metafísico acerca do Primeiro Motor

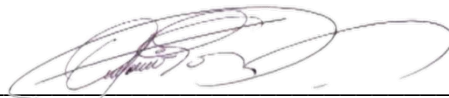
Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos avaliativos da disciplina de Seminário de Monografia IV e como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Filosofia. Licenciatura.

Monografia defendida e aprovada em 15 de junho de 2021.

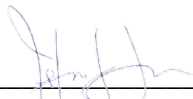
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto - UERN
(Orientadora)



Prof. Dr. Antônio Pereira – UERN
(Examinador)



Prof. Dr. Telmir De Souza Soares – UERN
(Examinador)

In memoriam ao meu grande amigo, irmão, Avô, Francisco (Chico) Maia, que estando já na morada eterna, participa ativamente desta conquista. Dedico também a aqueles que, durante a elaboração da pesquisa e escrita deste trabalho nos deixaram;

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a graça de ter chegado a esse momento. Agradeço a minha família, meu pai Francisco Sormangem Damião de Assis, minha mãe Vera Lucia Fernandes Paiva, minha irmã Teresa Raquel, minhas avós (Terezinha e Zefinha), Tios e Tias (Vansueldo, Verissimo, Vescia, Sâmia, Sandra, Everly); aos meus amigos e amigas: Philipe Villeneuve, Manoel Pereira (Netinho), Laís Freire, Gabriele Bessa, Victória Mayara, Alex Soares, Luany Oliveira Regis, que muito me motivaram dando força, contribuindo sempre para o bom êxito desta pesquisa; ao Seminário Santa Terezinha de Mossoró na pessoas dos meus formadores, em especial ao Padre Francisco Crisanto e ao Padre Antônio Wauleson, bem como aos meus irmãos seminaristas que comigo participam dos desafios e alegrias do caminho de discernimento e amadurecimento vocacional; aos colegas do curso do primeiro período de Filosofia da UERN 2017.1; e a todos que me ajudaram a concretizar este trabalho; e aqui, de modo singular agradeço a Professora Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto, que muito contribuiu para a concretização deste trabalho, sem ela, certamente não teria conseguido desenvolver com tamanha alegria esta pesquisa, e por isso, costumo dizer que foi feita a quatro mãos. Muito obrigado Vera! Na pessoa da Profª Vera, agradeço também a todos os professores do DFI (Departamento de Filosofia) da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC), técnicos e servidores que possibilitam o bom êxito na graduação. E não conseguindo dizer palavras para agradecer, só me resta levar de cada uma das pessoas, cujos os nomes mencionei, também o nome de tantos outros que não estão escritos aqui (pois não caberiam), mas que estão em meu coração, para dizer, com o Bispo Pedro Casaldáliga:

Ao findar o caminho me perguntarão:

- Amaste?

E eu, sem dizer nada

Abrirei o coração cheio de nomes.

[...] o objeto primeiro do desejo e o objeto primeiro da inteligência coincidem. [...] o primeiro movente move como o que é amado, enquanto todas as outras coisas movem sendo movidas.

Metafísica Λ 7, 1072 a 26 e 1072 b 3.

RESUMO

A substância, na compreensão aristotélica do termo, entendida como junção de matéria e forma, é fundamental para a explicação sobre a essência das coisas e dos seres e é fundamental o conceito de Motor Imóvel. O presente trabalho busca desenvolver uma reflexão acerca do argumento metafísico do Primeiro Motor através da análise da *Metafísica* e da síntese do pensamento do filósofo grego. O tema tratado aqui também é reconhecido em outras obras do autor, mas que serviram de base a explicação, com o auxílio de comentadores como Giovanni Reale e Eduardo Bittar, com o objetivo de compreender como se dá a resolução aristotélica do problema metafísico acerca do movimento e origem de toda a realidade decorrente dele. Dividido em três capítulos, a presente pesquisa desenvolve a explicação da teoria aristotélica do movimento e apresenta os fundamentos da realidade a partir do conceito de Motor Imóvel como momento máximo da pesquisa metafísica. Em um primeiro momento, sintetizando a produção filosófica dos filósofos Pré-socráticos sobre o *Cosmos* e a *Física*, bem como a relação que há entre a busca pelo elemento fundamental da realidade e o problema do movimento. Aristóteles atribui a constituição do real sob o fundamento de causas e princípios, estes, são objeto do segundo momento do trabalho. Por fim, é esclarecido o argumento metafísico acerca do Primeiro Motor a partir do conceito de substância. Aristóteles buscou superar as dificuldades que Platão deixou com sua “metafísica”. Desse modo, recorrer-se-á as bases do pensamento grego clássico para apresentar sua visão da natureza, bem como, sobre aquilo que está para além dela. O Estagirita não se limitou a imitar doutrinas, foi além: esclareceu a constituição do real a partir do Primeiro Motor, passando pela problemática da compreensão do movimento no início da Filosofia, tentando responder a pergunta sobre o surgimento da realidade ou os fundamentos da mesma e desenvolvendo o conceito de Deus como Primeiro Motor. Não havendo a possibilidade de esgotar tais questões, ainda hoje é preciso considerar sem resposta à pergunta sobre o surgimento ou constituição do real. Voltar ao período clássico da filosofia, precisamente a Aristóteles, é reconhecer a importante contribuição deste filósofo para o avanço da reflexão acerca da compressão do mundo e, naturalmente, da compreensão que o homem tem de si mesmo. Levando em consideração os aspectos principais da teoria metafísica - substância, ato/potência, as quatro causas – elabora-se uma argumentação que consiste na tentativa de compreender, a partir de Aristóteles, a origem do movimento; e perceber no conceito de Primeiro Motor, um Ser – Imóvel –, porém, capaz de gerar movimento – a causa e o princípio da realidade.

Palavras-chave: Aristóteles. Metafísica. Movimento. Primeiro Motor. Substância.

RESUMÉ

La substance, dans la compréhension aristotélicienne du terme, comprise comme une jonction de la matière et de la forme, est fondamentale pour l'explication de l'essence des choses et des êtres et le concept de Moteur Immuable est fondamental. Cet article cherche à développer une réflexion sur l'argument métaphysique du Premier Moteur à travers l'analyse de la Métaphysique et la synthèse de la pensée du philosophe grec. Le thème traité ici est également reconnu dans d'autres œuvres de l'auteur, mais qui a servi de base d'explication, avec l'aide de commentateurs tels que Giovanni Reale et Eduardo Bittar, afin de comprendre comment la résolution aristotélicienne du problème métaphysique sur le mouvement et l'origine de toute réalité qui en découle. Divisée en trois chapitres, cette recherche développe l'explication de la théorie aristotélicienne du mouvement et présente les fondements de la réalité à partir du concept de moteur inamovible comme moment maximal de la recherche métaphysique. Dans un premier temps, synthétiser la production philosophique des philosophes présocratiques sur le Cosmos et la Physique, ainsi que la relation qui existe entre la recherche de l'élément fondamental de la réalité et le problème du mouvement. Aristote attribue la constitution du réel sous le fondement des causes et des principes, ceux-ci font l'objet du deuxième moment de l'ouvrage. Enfin, l'argument métaphysique concernant le premier moteur à partir du concept de substance est clarifié. Aristote a cherché à surmonter les difficultés que Platon a laissées avec sa "métaphysique". Il va ainsi recourir aux bases de la pensée grecque classique pour présenter sa vision de la nature, ainsi que de ce qui la dépasse. Le stagyrien ne s'est pas limité à imiter les doctrines, il est allé au-delà : il a clarifié la constitution de la réalité à partir du Premier Moteur, en passant par le problème de la compréhension du mouvement au début de la philosophie, en essayant de répondre à la question de l'émergence de la réalité ou de ses fondements et en développant le concept de Dieu comme Premier Moteur. Puisqu'il n'est pas possible d'épuiser de telles questions, il faut, aujourd'hui encore, considérer sans y répondre la question de l'émergence ou de la constitution du réel. Revenir à la période classique de la philosophie, précisément à Aristote, c'est reconnaître l'importante contribution de ce philosophe à l'avancement de la réflexion sur la compression du monde et, naturellement, de la compréhension que l'homme a de lui-même. En prenant en considération les principaux aspects de la théorie métaphysique - substance, acte/puissance, les quatre causes - on élabore une argumentation qui consiste à essayer de comprendre, à partir d'Aristote, l'origine du mouvement ; et à percevoir dans le concept de Premier Moteur, un Être - Immobile -, cependant, capable de générer le mouvement - la cause et le principe de la réalité.

Mots-clés: Aristote. Métaphysique. Motion. Premier Moteur. Substance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTO DO PENSAMENTO ARISTOTÉLICO	13
1.1 As influências pré-socráticas no pensamento de Aristóteles.....	14
1.1.1 Análise da doutrina dos predecessores	15
1.1.1.1 Crítica e reelaboração do pensamento de Platão	20
1.2 Explicação do real a partir de Causas e Princípios.....	23
2 AS NOÇÕES DE MOVIMENTO NA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA.....	25
2.1 O problema do movimento e da mudança	26
2.2 Os modos causais	28
2.3 Conceito de <i>Topos</i> , movimento e primeiro motor na metafísica aristotélica	30
3 O ARGUMENTO METAFÍSICO ACERCA DO PRIMEIRO MOTOR.....	32
3.1 Substância: matéria e forma	32
3.2 Substância suprassensível: a constituição do real a partir do Motor Imóvel.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Compreender o argumento metafísico acerca da existência de um ser que não possui matéria, mas que constitui a realidade presente é imprescindível para compreender a noção sobre o movimento em Aristóteles. Não encontrando entre os antigos, resposta para a constituição do real, busca, através da sapiência, apresentar uma possível resposta ao que se pode chamar de problema do movimento, mudança ou transformação. Esta investigação, sobre o mundo, que motivou a produção filosófica de muitos dos primeiros mestres da filosofia, está presente também no pensamento clássico de Platão e Aristóteles. Verificando nas doutrinas de seu mestre, como bom discípulo, Aristóteles pretende reelaborar as questões que Platão deixou sem resposta, bem como, também, apresentar as dificuldades daqueles que antes se propuseram enfrentar o desafio de encontrar a gênese do *cosmo*. Para tanto, o Estagirita não se limita a imitar ou perpetuar as mesmas doutrinas dos antepassados, mas vai além; surge, então, na filosofia de Aristóteles o que ele vai denominar de Motor imóvel.

O Primeiro Motor não é compreendido como um argumento sobrenatural ou religioso na metafísica aristotélica, mas condição de existência, pois, a partir dele, Aristóteles desenvolve toda uma explicação para as causas do real. Como não há possibilidade de esgotar o interesse humano pela origem e constituição das coisas e dos seres, ainda hoje se considera sem resposta à pergunta sobre a realidade, sobre o mundo, seus fundamentos, significados e sentidos. Desta forma, voltar ao período clássico da filosofia, precisamente a Aristóteles, é reconhecer a importante contribuição deste filósofo para o avanço da reflexão acerca da compreensão do mundo e, naturalmente, da compreensão que o homem tem de si mesmo.

No livro I da *Metafísica*, Aristóteles explica o estudo da sapiência e justifica a necessidade de tal investigação afirmando que todos os homens tendem ao saber, por causa de sua natureza e por causa do seu amor pelas sensações. O homem, por meio desta faculdade, busca compreender o mundo a sua volta, e o que motiva a pesquisa metafísica é o desejo de refletir sobre o mundo, sobre o real: o Ser, o movimento, as transformações, as causas da realidade.

Sempre inquietou ao homem os problemas referentes à realidade que o cerca. Entre os antigos, que tomados pela admiração e pela dúvida, buscaram uma *episteme* que possibilitasse encontrar resposta para as incógnitas presentes a partir da própria natureza. Foi o que ocorreu desde o início do pensamento grego. No que se refere à investigação sobre o real, em Aristóteles, é preciso recorrer ao estudo sapiencial e ao estudo das causas para entender os princípios da *física*. É no estudo das causas que se pode chegar ao estudo dos seres, por isso, é

preciso examinar também os que antes filosofaram sobre os seres e sobre a realidade, assim como o fez o próprio Aristóteles.

Tendo contextualizado o problema e realizado o exame e a defesa de sua tese acerca da causalidade e da divindade, Aristóteles, mostra a insuficiência das doutrinas dos seus predecessores e a necessidade de explicar melhor os desdobramentos da realidade, que tem como finalidade o “sumo bem”, e propõe, no livro XII da *Metafísica*, o estudo sobre a substância. É evidente que a explicação das transformações passa, na compreensão dele, pelo substrato da realidade que é “causada” pela matéria, pela forma, pela força que transforma e o fim para o qual tudo está posto. No entanto, há uma outra substância, essa necessariamente eterna e imóvel, que não sofre corrupção que possibilita compreender Deus, substância imóvel, do qual se origina as transformações.

Partindo do pressuposto de que todas as coisas são geradas pelas transformações, como é, então, que se dá o conceito de Deus como primeiro motor e de que modo ele resolveria o problema sobre a constituição do real? A presente pesquisa visa chegar a uma resposta que permita observar o raciocínio aristotélico, percebendo nele algo de novo para a filosofia. O principal objetivo é compreender como a concepção de Deus, primeiro fator de movimento, resolve o problema acerca da origem da realidade. Nesse sentido, pretende-se apresentar uma síntese do problema acerca da constituição do movimento e do real a partir da análise e crítica que Aristóteles realiza sobre os pré-socráticos.

No primeiro capítulo será feita a síntese do problema sobre o movimento que Aristóteles atribui à constituição do real, fazendo-se necessário esclarecer os motivos pelos quais o estudo da sapiência, até ele, não respondeu a incógnita da mudança e mesmo das causas. Assim, apesar dos antigos terem observado sobre certas causas e princípios, eles apresentaram argumentos insuficientes ao demonstrarem como elas são constitutivas da realidade.

No segundo, apresenta-se as causas e princípios que explicam a realidade e já abre caminho para discutir a origem de todo o movimento que dá resposta à questão que não havia sido resolvida pelos que vieram antes dele.

No terceiro capítulo se evidencia a explicitação sobre o Primeiro Motor. Por fim, denota-se também a contribuição que o Estagirita dá à filosofia ampliando a compreensão acerca do real e as implicações que decorrem dela. Fazendo uso da análise de textos e comentários da metafísica aristotélica para favorecer a reflexão, considerando o contexto em que é produzido o pensamento de aristotélico, é que o presente estudo se presta a discorrer sobre este tema clássico, não com a pretensão de dizer algo novo, mas facilitar, na medida do possível, a visão metafísica da realidade, e, a partir disso, chegar a reconhecer como pode-se interpretar

o mundo na ótica metafísica. Pois, ao contrário do que se imagina, ainda hoje, a metafísica, enriquece a reflexão filosófica de muitos autores. Desconsiderar esse pressuposto é descredenciar toda uma tradição filosófica que possibilitou a ciência alçar voo.

A presente pesquisa leva em consideração os principais aspectos da teoria metafísica - substância, ato e potência, as quatro causas – e desenvolve uma argumentação que constata a justificativa pela qual se assegura a origem do movimento fundamentado em Deus; e perceber nesse Ser – Imóvel, porém, capaz de originar as transformações e constituir o real – a causa e o princípio da realidade.

Portanto, continua, ainda hoje, importante a contribuição do pensamento filosófico grego sobre o homem, as coisas, o mundo, pois não se esgotou totalmente as possibilidades de explicação do mesmo, e insistir nessa pesquisa significa verificar a fundo a contribuição desse pensador para este tema clássico da filosofia e como ele pode vir a enriquecer a reflexão sobre o mundo, as coisas, o homem.

1 CONTEXTO DO PENSAMENTO ARISTOTÉLICO

Aristóteles foi um filósofo do século V a.C. que nasceu em Estagira, mas que viveu em vários lugares; foi em Atenas que aperfeiçoou sua formação espiritual e filosófica convivendo com Platão por 20 anos. Falar do contexto histórico no qual está inserido é reconhecer os diversos fatores que contribuíram para a elaboração do seu sistema de pensamento marcado não pela dualidade, mas pela complementariedade das concepções de realidade.

Fortemente ligado ao pensamento desenvolvido por seus antecessores, entre eles, Sócrates e Platão, não deve ser considerado como alguém que não desenvolveu algo original, pois, mesmo sob a justificativa de reelaboração ou ratificação de noções, argumentos ou ideias, o refazer pressupõe algo original (BITTAR, 2003). Ao falar da forte ligação entre as três linhas do pensamento grego dos séculos IV e V a.C, a saber: a socrática, a platônica e a aristotélica, Bittar, afirma que essa proximidade “não compromete a originalidade do pensar aristotélico, muito pelo contrário, reafirma-a; uma vez que toda contribuição parte de princípios fixados pelas doutrinas anteriores”.

Deve-se fazer uma ressalva ao estudar a obra de Aristóteles, como sugere Bittar, pois não há como separar a figura histórica, de quem muito se fala ou se especula, do contexto no qual estava inserido todo o seu sistema filosófico, tendo em vista que qualquer análise ou estudo feito sobre sua pessoa, sua obra ou seu pensamento não contempla, não abarca a totalidade ou a complexidade das dimensões, aspectos, “[...]‘fatos’ e ‘atos’ em torno de sua vida são mais puramente interpretados como ‘dados’ de sua obra” (BITTAR, 2003, p. 4), e nem a *persona* nem a *obra* devem estar em evidência, uma a mais que a outra, assim como o é para o referido comentador, não se deve fazer uma exegese da vida de Aristóteles ou sua obra, mas apresentar como união da “[...] sua vivência filosófico-intelectual (obra) partícipe da sua vivência hominal” (BITTAR, 2003, p. 4).

Perceber a unidade entre a obra e o autor é essencial para denotar a relevância de sua produção filosófica ligada aos eventos-base desse saber. Aristóteles e sua obra representam um capítulo importante na história do pensamento, na reflexão filosófica e na compreensão que o homem construí de si mesmo. Segue-se o estudo evidenciando as influências recebidas dos filósofos pré-socráticos na metafísica aristotélica e como Aristóteles usa o legado dos primeiros na erupção de uma compreensão mais complexa da realidade.

1.1 As influências pré-socráticas no pensamento de Aristóteles

Dentre os primeiros filósofos, cujos fragmentos chegaram a atualidade, destacam-se, por sua relevância para a filosofia e para a epistemologia, Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso, Anaxágoras de Clazômenas e outros. Todavia, não conseguiram, os primeiros filósofos, segundo Aristóteles, descobrir uma causa semelhante a que ele propõe, uma causa e um princípio numa realidade supra-sensível; exceto Parmênides que amplia o conjunto das causas, propondo que o Ser é o que é, o princípio (ARISTÓTELES, 2002, p. 21)¹. A questão posta por Aristóteles com o princípio Motor e as causas constituem a realidade. Ele percebe que a realidade é um constante movimento e ao verificar a doutrina dos seus antecessores não encontra resposta para esse problema, inclusive apontando onde eles, os antigos, erraram.

Os filósofos chamados de pré-socráticos também são agrupados quanto ao objeto de investigação filosófica presente em fragmentos ou registros de textos que foram conservados ao longo do tempo. O objeto de estudo dos primeiros filósofos era o próprio *cosmos*, sua constituição, sobretudo, sua *gênese*, conservação, movimento, corrupção.

É possível identificar de maneira muito simples a questão da pesquisa dos primeiros filósofos fazendo uma leitura dos fragmentos ou das doxografias deles, como em Tales de Mileto, por exemplo, assim como na maioria dos filósofos antigos, os quais entendiam que a origem de tudo está somente na *physis*. Tales afirmou a água como esse elemento primordial, já Anaxímenes propôs o ar como origem da realidade e como dele todas as coisas derivam (BORNHEIM, 1997).

Entre os pré-socráticos há ainda os que admitiam outros princípios além dos elementos naturais ou físicos, como Anaximandro de Mileto, que admitiu como princípio de todas as coisas o ilimitado ou *apeiron*; não reconhecia a origem do todo apenas a um elemento particular, e segundo Bornheim (1997, p. 24) afirmava que “todas as coisas são limitadas, e o limitado não pode ser, sem injustiça, a origem das coisas; deve haver, por isso, um princípio que lhes seja anterior e que permita compreender tudo o que é limitado”.

Nesse espírito de investigação, motivado, assim como os que vieram antes dele, pelo desejo de contemplar e entender o real, Aristóteles se propõe a investigar a origem de tudo que existe, fazendo uma retomada do que havia sido desenvolvido e pensado pelos antecessores, suas observações e noções. Desse modo, Aristóteles não propôs um único elemento como

¹ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 b 5.

“causador” da realidade. Pressupondo a unidade entre as coisas, ele admite a existência de várias causas e certos princípios que constituem as coisas e os seres.

Aristóteles começa a desenvolver a definição de causas ou pesquisa das causas primeiras ou ainda o que vai ser denominado de sapiência, pois a “[...] sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e certas causas [...]” (ARISTÓTELES, 2002, p. 7)² e, Reale (2002), ao comentar sobre essa passagem evidencia que esses certos princípios e essas certas causas são, como permanece nas últimas linhas do primeiro capítulo do livro *alfa* da *Metafísica*³, os - princípios e causas – considerados como primeiros e supremos, além de determinar as quatro causas (material, formal, eficiente e final)⁴.

É necessário evidenciar a compreensão sobre as causas na observação da origem das transformações, e nesse sentido, é retomada algumas questões acerca dos predecessores e aqueles que, segundo o Estagirita, reconhecem causas além das materiais e princípios que estão acima do físico, em outras palavras, num campo metafísico.

1.1.1 Análise da doutrina dos predecessores

Quando se aborda acerca dos predecessores, segundo o próprio Aristóteles, fala-se nos “que por primeiro filosofaram” (ARISTÓTELES, 2002, p. 15) ou aqueles que desenvolveram um pensamento antes das articulações do Estagirita, aos quais ele avalia segundo quatro aspectos que se referem ao quadro do seu sistema metafísico, que seriam, em primeiro lugar: o número ou quantidade das causas (seriam, então, quatro as causas, não mais uma ou duas); o substrato, os modos de ser do substrato e, por último, a distinção entre a geração absoluta e a alteração dos estados e dos modos de ser (REALE, 2002, p.21).⁵

² Aristóteles, *Metafísica*, I, 982 a 2.

³ Conforme propõe tradução Giovanni Reale.

⁴ Isso acontece no início do livro *alfa* da *Metafísica* para introduzir a questão fundamental da investigação sobre essas causas e princípios que constituem a realidade que está fundamentada na observação e análise daquilo que já havia sido feito. O livro *alfa* segue ainda no capítulo 2 a explicar a busca das causas e as características, no capítulo 3 já começa a desenvolver sua análise quanto a doutrina dos predecessores que segue até o capítulo 7, segue depois, nos capítulos 8 e 9, respectivamente, a falar sobre os filósofos naturalistas, pluralistas; e fará uma crítica a Platão e aos platônicos. O presente estudo visa apresentar os contributos que Aristóteles evidencia nos capítulos 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.

⁵ Os aspectos aqui mencionados vão nortear a análise da doutrina dos predecessores, segundo Reale (2002, p. 21), por muito esta passagem foi associada a interpretação historiográfica dos filósofos jônicos, mais do que dos pré-socráticos, mas ainda continua sendo feita e será levada em consideração no presente estudo.

No início do livro *alfa* da *Metafísica*, momento em que Aristóteles começa a desenvolver seu exame sobre os predecessores, o Estagirita aborda as causas primeiras antes de se debruçar sobre os primeiros filósofos e o que eles, os antigos, buscaram. E afirma que:

[...] é preciso adquirir a ciência das causas primeiras. Com efeito, dizemos conhecer algo quando pensamos conhecer a causa primeira. Ora, as causas são entendidas em quatro diferentes sentidos. (1) Num primeiro sentido, dizemos que causa é a substância e a essência. De fato, o porquê das coisas se reduz, em última análise, à forma e o primeiro porquê é, justamente, uma causa e um princípio; (2) num segundo sentido, dizemos que causa é a matéria e o substrato; (3) num terceiro sentido, dizemos que causa é o princípio do movimento; (4) num quarto sentido, dizemos que causa é o oposto do último sentido, ou seja, é o fim com o bem: de fato, este é o fim da geração e de todo movimento (ARISTÓTELES, 2002, p. 15)⁶.

Depois de definir a sapiência como estudo das causas primeiras ou ciência das coisas primeiras, Aristóteles sente a necessidade de aprofundar o sentido de causa e apresenta “causa” nos quatro sentidos mencionados acima, as mesmas serão retomadas mais adiante nesta pesquisa. Todavia, no que diz respeito a constituição do real a partir do movimento e da transformação em Aristóteles, se faz necessário apresentar tal questão para evidenciar que as causas são estas e não outras e esta determinação se desenvolve, com base no exame das doutrinas dos predecessores, a síntese desse pensamento.

Conforme Aristóteles, os antigos trataram dessas mesmas causas e também de certos princípios, o que não diferem das quatro causas que ele elenca, embora reconheça que tal análise anterior tenha sido feita de maneira inadequada, não abarcando o sentido pleno da constituição do real. Os pensadores antigos centraram a sua atenção, principalmente, sobre a causa material, mas “esses filósofos não foram unânimes quanto ao número e à espécie desse princípio. Tales, iniciador desse tipo de filosofia, diz que o princípio é a água [...]” (ARISTÓTELES, 2002, p. 17)⁷. Aqui é importante fazer uma consideração sobre o princípio de que fala Tales e outros físicos desse período da filosofia, chamado também de *arqué*, termo que na filosofia foi introduzido por Anaximandro, mas foi Aristóteles quem enunciou os significados desse conceito enquanto princípio, é o que afirma Abbagnano (2012, p. 928). Assim, com significados distintos, como o melhor ponto de partida, aquele que possibilita apreender; como causa externa de um movimento, ampliando o significado do ponto de partida do ser, do devir ou do conhecer.

⁶ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 a 24 – 35.

⁷ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 b 20.

Então, Tales pôs como princípio a água, sendo ela “[...] aquilo de que todas as coisas se geram, é o princípio de tudo” (ARISTÓTELES, 2002, p. 17)⁸. É evidente que esta afirmação foi feita em decorrência da observação realizada por ele, Tales, a respeito da constatação de que todas as coisas que são, que existem, contêm umidade, água, e como os gregos, mesmo nesse período de surgimento da filosofia não faziam distinção de crença e natureza, pois:

[...] se quisermos explicar tal ousadia devemos atentar a um rasgo fundamental da religiosidade grega: o homem grego não compreende os seus deuses como pertencentes a um mundo sobrenatural; nos deparamos com uma religião que desconhece o dogma ou qualquer tipo de verdade que não encontre os seus fundamentos na própria ordem natural. Os deuses gregos apresentam-se com uma evidência que os prende à ordem natural das coisas. (BORNHEIM, 1997, p. 10)

E é nesse sentido de originalidade da religiosidade e do pensamento grego que é possível admitir que ao buscarem compreender o real, a natureza, empreendem encontrar caminhos de resposta, não fora dela, da *physis*, mas nela encontram esses fundamentos, e sobre isso, continua Aristóteles (2002, p. 18)⁹, “[...] há quem acredite que os mais antigos, que por primeiro discorreram sobre os deuses, muito antes da presente geração, também tiveram a mesma concepção da realidade natural”, para dizer como era comum entre eles, os gregos, essa noção de natureza e realidade que possibilita refletir sobre a constituição do real.

Anaxímenes identificou no ar o princípio originário de tudo, ele o “[...] considera como princípio por excelência”¹⁰, pois através da condensação ou rarefação constitui-se as coisas e desse modo o “[...] fogo seria o ar rarefeito e com a condensação progressiva formava-se o vento, as nuvens, a água, a terra e finalmente a pedra” (BORNHEIM, 1997, p. 10); Já Hipaso e Heráclito elegeram o fogo como esse princípio. Nesse sentido, Heráclito de Éfeso se destaca na análise do movimento neste período da filosofia. Pouco se sabe sobre sua vida, no entanto, afirma-se que “o acme de sua existência foi na época da 69ª Olimpíada, entre 504 e 500 a.C.” (BORNHEIM, 1997, p. 35). Essa informação permite situá-lo após Xenófanes, a quem se opôs, e antes de Parmênides, o seu principal opositor (BORNHEIM, 1997).

Entre os aspectos principais da sua doutrina estão a afirmação da unidade fundamental de todas as coisas presentes nos fragmentos 10, 50, 89 e 103; como também a noção de que todas as coisas estão em movimento e que este é gerado pelos contrários (fragmentos 8, 10, 12, 23, 48, 49a, 88 e outros), além de determinar o fogo como gerador do processo cósmico

⁸ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 b 24.

⁹ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 b 27 – 29.

¹⁰ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 a 6.

(fragmentos 30, 31, 60, 90) (BORNHEIM, 1997). A obra de Heráclito tem a natureza como objeto de contemplação; ele entende que a geração das coisas através do fogo, sinal da combustão (harmonia e paz) sinalizam o movimento que determina a harmonia do mundo. Diferente de outros pré-socráticos que não dedicam tanta atenção ao movimento e a transformação das coisas e dos seres, Heráclito irrompe a filosofia afirmando justamente este aspecto da natureza e como ele é essencial para entendê-la.

Anaxágoras, por sua vez, definiu como princípio as *homeomerias*, sendo elas ilimitadas ou infinitas elas se geram e se corrompem, se reúnem e se dissociam, mas permanecem eternas (ARISTÓTELES, 2002, p. 19)¹¹. Contudo, Aristóteles quer evidenciar que as *homeomerias* aparentam se reunir e se dissociar, água e fogo não seriam, a rigor, *homeomerias*, e sim assemelham-se a elas por união e dissociação. Todavia, esses pensadores caíram na conta de que esse princípio não era suficiente para explicar o devir das coisas, e assim foram obrigados pela própria realidade a buscar um princípio ulterior: o princípio movente (REALE, 2002, p. 18). E a esse ponto, o peripatético avalia:

Com base nesses raciocínios, poder-se-ia crer que exista uma causa única: a chamada causa material. Mas enquanto esses pensadores procediam desse modo, a própria realidade lhes abriu o caminho e os obrigou a prosseguir na investigação. De fato, mesmo tendo admitido que todo processo de geração e de corrupção derive de um único elemento natural, ou de muitos elementos materiais, por que ele ocorre e qual é a sua causa? Certamente não é o substrato que provoca a mudança em si mesmo (ARISTÓTELES, 2002, p. 19)¹².

A essa consideração segue uma explicação através de um exemplo, usando a madeira e o bronze para falar de mudança, de transformação, considerando que nem uma delas, tomadas de modo isolado são capazes de realizar tal efeito, pois o bronze não pode ser a causa de uma estátua, mas certamente será outra a causa que faz do bronze uma estátua, nem a madeira, do mesmo modo, não pode ela ser a causa única da geração de um objeto ou móvel, como uma cama, exemplo que o próprio Aristóteles utiliza. Desse modo:

[...] admitem vários princípios [...] resolvem melhor a questão, como, por exemplo, os que admitem como princípios o quente e o frio ou o fogo e a terra. Estes, com efeito, servem-se do fogo como se fosse dotado de natureza motora e, por outro lado, servem-se da água e da terra e dos outros elementos desse tipo como se fossem dotados da natureza contrária (ARISTÓTELES, 2002, p. 21)¹³.

¹¹ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 a 16.

¹² Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 a 17 – 21.

¹³ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 b 5 – 9.

O Estagirita, segundo Reale (2002, p. 29), tenta enquadrar os seus predecessores em função das categorias por ele estabelecidas de causas - material, eficiente, formal e final -, mas, mesmo com esforço não consegue realizá-lo ou não o faz com nitidez, separando aqueles que desenvolveram a causa material da causa eficiente, das outras causas, por conseguinte. Ele consegue identificar que alguns dos que falaram sobre a causa material com capacidade motora, se enquadrariam aqui com os pluralistas e pitagóricos.

Na citação anterior, há uma referência a um outro grupo de filósofos que admitem que a causa material é dotada de uma causa motora-eficiente, capaz de possibilitar a transformação. Reale (2002, p. 29) comenta a mesma dizendo que se refere ao movimento ou a causa do movimento, causa eficiente, melhor que os anteriores, os aproximando da causa final quanto a explicação.

Aristóteles apresenta a causa material, logo depois o problema da causa formal e introduz a questão da causa final, associando a causa transformadora à causa final, num sentido de finalidade, aquilo que é feito como tal para servir a um fim. Em última análise, acerca dessa abordagem, o próprio Aristóteles afirma que:

Depois desses pensadores e depois da descoberta desses princípios, insuficientes para produzir a natureza e os seres, os filósofos, forçados novamente pela própria verdade, como já dissemos, puseram-se em busca de outro princípio. Com efeito, o fato de algumas coisas serem belas ou boas e outras se tornarem tais não pode ser causado nem pelo fogo, nem pela terra, nem por outro elemento desse gênero, e não é verosímil que aqueles filósofos tenham pensado isso. Por outro lado, não era conveniente remeter tudo ao acaso e à sorte (ARISTÓTELES, 2002, p. 21)¹⁴.

É justamente, nessa passagem que se expressa essa evidência de que há, em certo sentido, a noção de causa final já entre os predecessores e entre as interpretações possíveis está a de que entre eles falava-se não em uma causa final, mas sim em uma causa *eficiente-final*, “[...] os que raciocinaram desse modo puseram a causa do bem e do belo como princípio dos seres e [...] como princípio do qual se origina o movimento dos seres” (ARISTÓTELES, 2002, p. 21)¹⁵, pois, referindo-se ao que é belo e ao bem, está fazendo menção ao que virá ainda dentro da análise destes filósofos; porém, como não falaram sobre fim, Aristóteles associa as causas de fim e motora a causa eficiente (REALE, 2002, p. 29).

¹⁴ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 b 9 – 14.

¹⁵ Aristóteles em *Metafísica*, I, 984 b 20.

1.1.1.1 Crítica e reelaboração do pensamento de Platão

É impossível dissociar da obra aristotélica as convergências, influências, contributos de pensadores, filósofos contemporâneos de Aristóteles, entre eles Platão, bem como aqueles anteriores, o mesmo utiliza-se desse arcabouço teórico para apresentar seu sistema metafísico, por isso, torna-se indispensável essa consideração de retomada ao pensamento de Platão, já que a dimensão cultural dos gregos no século IV a.C. é formada pelas contribuições de escolas que desenvolveram um modo de estar no mundo buscando, através da contemplação, compreender, teorizar, fazer “ciência” (*episteme*) acerca do real.

Desse modo, não é possível desenvolver uma análise sobre determinado pensador ou filosofia, sem considerar as partes constitutivas desses processos, propondo uma compreensão ampla, global, para buscar aproximar conceitos, ideias e compreender, em seu devido lugar, cada uma das partes dentro do todo.

Na perspectiva de uma reflexão entre a obra e a pessoa de Aristóteles é que se faz importante perceber como a figura de Sócrates é importante para a história e a filosofia grega, pois depois de sua morte em Atenas, 399 a.C., o seu pensamento tem um novo direcionamento; depois desse fato, da condenação e morte de Sócrates, Platão rompe com a estrutura da *pólis*, propõe alternativas para suprir a carência da Cidade, pensa o filósofo como rei, que seria uma resposta à rejeição do criador do método maiêutico, isso, direcionando seus esforços para uma filosofia especulativa (BITTAR, 2003, p. 6-7).

Reale (1994) acena para a relação entre Aristóteles e Platão como uma transmissão de saberes, por isso que “Aristóteles seria o mais genuíno discípulo de Platão”. E como afirmou Diógenes Laércio, o significado de *ser genuíno discípulo de alguém* não significa repetir suas “fórmulas” ou conservar os ensinamentos, mas sim, buscar resolver as lacunas deixadas pelo mestre, buscar superá-lo no mesmo espírito filosófico, indo além das ideias postas por seu mestre. Foi justamente isso que fez Aristóteles em relação a Platão (REALE, 1994, p. 318).

Platão reinaugura um ideal de educação, colocando o educador num papel de destaque, isso se evidencia na *República*, onde o governante deve ser o filósofo; daí foram feitos esforços, inclusive da Academia para implantar tal modelo e redimensionar o espaço social com a ajuda da filosofia para o estudo do homem, como já acenara Sócrates (BITTAR, 2003, p. 8-9). Nesse processo de desenvolvimento da estrutura de pensamento da Academia platônica, tendo a amizade como vínculo de aproximação entres os discípulos, com a meta de investigar vários

ramos da filosofia, é que Aristóteles encontra ambiente fértil para seu desenvolvimento espiritual e filosófico, acompanhando essa nova guinada da filosofia¹⁶.

Um pressuposto importante deve ser levado em consideração nesta pesquisa: a *Metafísica* aristotélica não fala de uma realidade que está além do natural como algo que está comumente atrelado a discursos religiosos, mas destaca a relevância do pensamento que busca compreender a realidade, num processo dedutivo para perceber como se estabelece as transformações do mundo em sua *gênese*. Sobre isso, Otfried Höffe, professor de filosofia na Universidade Eberhard-Karl em Tübingem na Alemanha, afirma que dá *Metafísica* se espera sentenças sobre a deidade, sentido da vida e outros temas que são definidos como assuntos imprescindíveis para encontrar o sentido de uma existência. Já Aristóteles propõe algo diferente com sua *teologia*¹⁷, continua Höffe, uma vez que ele “não reflete sobre um além, ao qual a nossa existência de alguém deve o seu sentido, mas sobre a explicabilidade deste mundo” (HÖFFE, 2008, p.129). Esta afirmação, logo de início, caracteriza este estudo como uma tentativa de apresentar a teologia aristotélica desvinculada desta noção reducionista e simplória acerca do pensamento clássico da filosofia do qual fez parte Aristóteles e outros.

Muitos afirmam que é preciso, para entender o pensamento de Aristóteles, considerar sua metafísica em oposição a *teoria das formas* de Platão, e assim, comumente, a metafísica aristotélica é colocada em confronto a toda a teoria platônica das Ideias (REALE, 1994, p. 323). Essa oposição implica na não assimilação adequada de sua teoria.

Os pensamentos de Aristóteles a Platão não se referem somente a teoria das Ideias ou a doutrina dos princípios, mas sim as lições da Academia, pois segundo Werner Jaeger, as críticas são feitas a elas (JEAGER, Werner apud REALE, 1994, p. 323). Essa tese, defendida por Jaeger, estudioso da obra aristotélica, é reforçada pelo fato que se as críticas de Aristóteles a Platão foram levadas em consideração fora do seu devido contexto na metafísica, incorrer-se-

¹⁶ Tamanha é a importância da Academia platônica para Aristóteles que durante vários anos esteve lá, tanto como aluno quanto “professor”. Esse tempo lhe possibilitou assimilar um conjunto de saberes que lhe permitiu desenvolver sua obra. O filósofo permaneceu na Academia até a morte de Platão em 348/347 a.C. Após a morte de seu mestre, Aristóteles funda sua própria Escola em Atenas, chamada de Liceu. Composta de prédios separados, porém interligados por jardins, e próxima a um templo dedicado a Apolo Lício, que deu nome à Escola, onde era comum que os ensinamentos fossem transmitidos em passeios pelos jardins. Por esse motivo, a Escola ficou conhecida como “Perípatos” - no grego quer dizer: passeio - e os alunos eram os “peripatéticos”, e com isso se evidencia uma diferença fundamental no formato do Liceu em relação à Academia.

¹⁷ “Quem indaga as causas e os primeiros princípios, necessariamente deve encontrar Deus: Deus é, com efeito, a causa e o princípio primeiro por excelência. A pesquisa aitiológica desemboca estruturalmente na teologia.” (REALE, 1994, p. 337). Aqui, há que compreender o emprego do termo *teologia* ao estudo do Ser enquanto Ser, não como uma reflexão religiosa acerca de um dado de fé ou revelação.

á no erro de afirmar que Aristóteles “rejeitou a doutrina dos Princípios e a teoria das Ideias, e, por conseguinte, rejeitou, totalmente, a ‘segunda navegação’ platônica” (REALE, 1994, p. 324).

Assim, deve-se considerar o fato de o peripatético ter realizado críticas a doutrinas dos princípios e à teoria das ideias, e negou a existência de um “Uno-Bem” como princípio das ideias e das formas. Todavia, ao fazer isso, ele não nega a existência de uma realidade *supra-sensível* ou de algumas realidades dessa natureza para demonstrar que a “*realidade supra-sensível não é como Platão pensava que fosse*” (REALE, 1994, p. 324).

No Uno-Bem transcendente, Platão indicou o Princípio de toda a realidade. Ao contrário, Aristóteles negou a existência do Uno-Bem transcendente; *mas reafirmou, de modo firme e preciso, a existência de uma realidade transcendente*. Antes, justamente a essa realidade, concebida no seu vértice superior como inteligência suprema e, mais precisamente, como Pensamento de Pensamento, atribuiu uma função geral de Princípio como Motor imóvel de todas as coisas [...] (REALE, 1994, p. 324)

O princípio motor de que se refere Reale, o próprio Aristóteles reconhece como gerador de toda a realidade, ou seja, dele “dependem o céu e a natureza” (ARISTÓTELES, 2002, p. 565)¹⁸. Então, apresentado a dificuldade de conceituar esse princípio causador do mundo, Aristóteles revisa a produção dos físicos, os quais se propuseram a buscar a causa do mundo, ou sua gênese, em princípios primeiros ou uma causa primeira.

Dissertando sobre o movimento e o primeiro motor em Aristóteles, Bittar afirma que a análise desse problema sobre o movimento ou transformação, desencadeia uma série de outras questões, sendo a mais importante a relativa ao surgimento e a origem do primeiro movimento, tem-se que:

Para muitos, efetivamente, há um primeiro movimento que [...] faz-se presente dando origem ao movimento genérico de todas as coisas. Porém, o ponto comum do pensamento de uns como de outros reside na ideia de que se há um movimento presente, este movimento insere-se num contexto maior de movimento, devendo a este se atribuir um princípio como causa da *gênesis* do tempo e de todo o movimento. (BITTAR, 2003, p. 416).

Dessa forma, têm-se uma síntese do momento em que surge a compreensão aristotélica acerca do real, pois partindo dos pré-socráticos, um princípio material; foi assim com Tales que propôs a água como elemento primordial (BORNHEIM, 1997, p. 9), e outros que se baseiam

¹⁸ Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1072 b 13.

na ideia ou conceito de princípio ou causa. Aristóteles, além de refletir acerca da matéria que também assume uma reflexão acerca do que vai além dela, é a isso o que se propõe a palavra metafísica,

[...] presta-se a expressar bem a sua natureza, porquanto ela vai além da física, que é a primeira das ciências particulares, para chegar ao fundamento comum em que todas se baseiam e determinar o lugar que cabe a cada uma na hierarquia do saber; isso explica, senão a origem, pelo menos o sucesso que esse nome teve. (ABBAGNANO, 2012, p. 766).

Por isso Aristóteles propõe na metafísica, como uma causa e um princípio, Deus, tratando de um “ser elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo” (ABBAGNANO, 2012, p. 767). Mas, como isso justifica a constituição da realidade? O estudo das causas e dos princípios, designado como *filosofia primeira*, é, entre todas as ciências, a mais digna de honra por se propor a ser a ciência que Deus possui em maior grau, ou por ela, a ciência, que tem por objetivo as coisas divinas: “Ora, só a sapiência possui essas duas características. De fato, é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio” que possui esse tipo de ciência em alto grau (ARISTÓTELES, 2002, p. 13)¹⁹.

1.2 Explicação do real a partir de Causas e Princípios

Na obra aristotélica a realidade é constituída por causas e princípios que o Estagirita expõe justificando-as apresentando o que outros disseram, aqueles que o antecederam, como já foi mencionado neste estudo. O desenvolvimento do exame dos predecessores vai apresentar o desenvolvimento dessa análise, com vista não em verificar a validade, mas sim atestar. Tal é o fato de que para ele, Aristóteles, o exame lhe seria útil para justificar sua doutrina metafísica, e que a sua análise dos predecessores não possui um caráter historicista; ele não o fez de maneira alheia, o fez levando em consideração a revisão das causas do que existe, propostas pelos demais, reconhecendo nelas, nas causas e também nos princípios, a constituição de tudo.

Todo movimento, a começar dos movimentos celestes, movimentos perfeitos, sinais do movimento constante de Deus, irá resultar na sua teologia, encontrando no argumento de Deus a origem e a manutenção das transformações; sobre este aspecto, este estudo fará mais à frente, uma explanação, quando for necessário apresentar este argumento sobre o Motor Imóvel, no terceiro capítulo deste estudo.

¹⁹ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 a 5 e Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 a 7 – 9.

Até aqui, destacou-se a noção de mundo, onde as causas eficientes e finais, matérias e formais, os princípios de movimento e outros, possibilitam desenvolver uma reflexão e explicação da realidade, fundamentada na natureza, compreendida como uma única realidade, onde tudo está interligado, condicionado pelas mesmas causas e princípios.

2 AS NOÇÕES DE MOVIMENTO NA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA

Ao pensar a questão do movimento, o Estagirita, dá início a uma nova compreensão de realidade a partir da explicação que oferece com seu sistema metafísico. Partindo, principalmente do pressuposto dos seus predecessores - algo que o próprio Aristóteles realiza em sua obra chamada *Análise da doutrina dos predecessores* - desenvolve uma compreensão nova do real, mais próxima do que convencionou-se chamar de racional do que de uma religiosidade. Houve, então, um afastamento das narrativas míticas, que buscavam dar respostas ao surgimento dos entes e dos seres, bem como dos acontecimentos naturais, através de histórias, passando, nesse momento, a uma reflexão filosófica acerca do *cosmos*. Logo, como consequência dessa nova abordagem da realidade por parte dos antigos, e a maneira como se deu essa investigação, o movimento, ou a transformação surge como uma questão importante para os primeiros filósofos gregos, e é Aristóteles quem melhor formula a questão, permitindo encontrar caminhos mais eficazes, metafisicamente falando, para esse problema.

A concepção de movimento na teoria metafísica aristotélica passa pelos conceitos de *kinésis* e *metábole*, que seriam, respectivamente, movimento e mudança. Estes aspectos do fenômeno que constituem a realidade, segundo ele, se desdobram em muitos outros, porém, não são objeto da presente pesquisa por apresentar a questão do movimento como uma condição, dentro do próprio sistema, à existência das coisas como são. O objetivo da pesquisa é apresentar o ponto originário do movimento, o motor imóvel, como a concepção de causa e princípio motor da realidade.

Por isso que se deve pensar, ao levantar tais questões, uma outra, talvez mais primitiva, aparentemente simples, mas cheia de implicações e desdobramentos; a pergunta que o próprio Reale fez ao iniciar o comentário à *Física*, que seria sobre a natureza do movimento: o que é o movimento? (1994, p.375). O problema filosófico do movimento passa a existir, depois de ser negado pela maioria dos filósofos eleatas, com o surgimento da concepção pluralista, bem como Platão e toda a questão posta acerca do *ser* e do *não-ser* parmenidiano, aquilo que não sendo ainda o que será, na transformação, não é mais o que foi; só Aristóteles, com a teoria do ato e potência, consegue dar resposta a essa *aporia*, pois, têm-se que o movimento seria a passagem do estado das coisas de potência a ato.

2.1 O problema do movimento e da mudança

Dando continuidade à pesquisa sobre a constituição da realidade dentro do sistema metafísico aristotélico, surge a questão do movimento e da mudança como um aspecto primordial para compreender toda a estrutura teórica desenvolvida pelo Estagirita; até a sua contribuição, o *movimento* havia sido, de certo modo, desconsiderado, chegando a ser negado. Os *pluralistas*, Anaxágoras, Empédocles e os atomistas, Leucipo e Demócrito recuperaram a noção de movimento, eles até justificaram o movimento; mas ninguém, nem mesmo Platão soube estabelecer qual era a sua essência e o seu estatuto ontológico (REALE, 1994). Já a Escola Eleata, pré-socrática, caracteriza-se pela negação do movimento; é o que se percebe no comentário de Giovanne Reale na História da Filosofia, pois afirma que:

Os eleatas negaram o devir e o movimento porque, com base em sua tese de fundo, estes suporiam a existência de um *não-ser* (o que advém em geral passa de um estado a outro, e cada um desses estados *não é* o precedente e *não é* o seguinte; nascer e morrer parecem, portanto, a passagem do *não-ser* absoluto ao ser e do ser ao *não-ser* absoluto), enquanto o *não-ser* não existe de modo algum. A solução da aporia é alcançada por Aristóteles de maneira mais brilhante (1994, p. 375 – 376).

Nesse ponto, já é possível identificar a diferença substancial na resolução desse problema, na perspectiva aristotélica em contraponto a de seus predecessores, inclusive de Platão; pois: “[...] a característica essencial da natureza é dada pelo movimento [...]” (REALE, 1994, p. 375). O que é evidente no comentário de Reale é que a maneira como as transformações, de um modo geral, não eram bem compreendidas pelos antigos, eles que se preocuparam em descobrir a origem das coisas, um elemento fundante ou primordial, tiveram dificuldade de encontrar respostas para os desdobramentos que formam a existência, repleta de mudanças, das mais diversas ordens.

Como no caso da corrente de Parmênides, o *ser* e o *não-ser*, havendo a necessidade de negar o movimento, pois haveria uma passagem do *ser* para a o *não-ser*; é Aristóteles quem vai apresentar com a teoria do ato e potência e que vai permitir entender, até aqui, como se daria a transformação em sentido mais profundo, não apenas na aparência, mas na essência da questão, indo em busca do fundamento para encontrar, de fato, uma *Física* ou ciência capaz de oferecer verdades seguras.

Têm-se, então, que “[...] o movimento tornou-se um problema filosófico só depois de ter sido negado [...]” (REALE, 1994, p. 375). Decorre-se, a partir disso, que “o movimento é

um dado originário, que não pode ser posto em dúvida”, já que a realidade é permeada por ele; “Mas como se justifica?” (1994, p. 376); indaga Reale ao comentar o problema do movimento presente na *Física* de Aristóteles, e continua:

Sabemos (pela metafísica) que o ser tem *muitos significados* e que um grupo desses significados é dado pelo par *ser como potência* e *ser como ato*. Com relação ao ser-em-ato e o ser-em-potência pode ser dito não-ser, precisamente não-ser-em-ato; mas é claro que se trata de um não-ser relativo, pois *a potência é real*, por que é nela a capacidade e efetiva possibilidade de chegar ao ato. [...] *o movimento em mudança em geral é, precisamente, a passagem do ser em potência ao ser em ato*. [...] Portanto, o movimento não supõe o não-ser parmenidiano, porque se desenvolve álveo do ser e é passagem de ser (potencial) a ser (atual): com isso o movimento perde definitivamente o caráter que podemos denominar nadificante, pelo qual os eleatas acreditavam ser constrangidos a elimina-lo, e fica fundamentalmente explicado (REALE, 1994, p. 376).

Reale acena para os conceitos de ato e potência associados as noções de movimentos para compreender, de modo global, a realidade dentro desse sistema metafísico. Será através desses conceitos, que o leitor poderá perceber o caminho de resposta encontrado por Aristóteles para as questões de seu tempo, lançando as bases da compreensão da realidade, em perspectiva universal, e por que não dizer científica.

A explicação que Aristóteles propõe, resolve o problema em certa medida, mas assim como é possível deduzir, dentro das várias categorias significados diferentes, por exemplo para o ser, também é desse modo com a mudança. Todavia, ressaltam-se quatro categorias principais de movimento e mudança/transformação, que se referem a substância, a qualidade, a quantidade e a lugar, pois é segundo essas categorias que ocorre a mudança (REALE, 1994, p 377):

A mudança segundo a substância é a geração e a corrupção, segundo a qualidade é a alteração; segundo a quantidade é o aumento e a diminuição, e, segundo o lugar é a translação. Mudança é termo genérico que corresponde a essas quatro formas, movimento, ao invés, é termo que designa as últimas três, particularmente, a última. [...] Em todas as suas formas, o devir supõe um substrato (que é o ser potencial), que passa de um oposto a outro oposto: na primeira forma, de um contraditório a outro contraditório, e, nas outras três formas, de um contrário a outro contrário. A geração consiste na assunção da forma pela matéria, a corrupção consiste em perder a forma; a alteração é uma mudança da qualidade, enquanto o aumento e a diminuição são uma passagem do pequeno ao grande e vice-versa; o movimento local é passagem de um ponto a outro (REALE, 1994, p 377).

Reale ressalta que a geração e a corrupção estão ligadas à substância, à essência das coisas em si, aquilo que constitui algo, ou não. Já a alteração está ligada a um aspecto qualitativo

das coisas, diferente da quantidade, que se refere a “muito” ou “pouco”, a um aumento ou diminuição de alguma coisa. Por último, a mais perceptível categoria de movimento, aquela que se refere ao lugar, o chamado movimento de translação: aquilo que dá nome a evento que acontece quando algo que, saindo de um ponto *A* vai para um ponto *B*, muda de posição realiza uma translação.

É fundamental a afirmação acima, de que “[...] o devir supõe um substrato [...]” (REALE, 1994, p. 377), pois não há como existir uma mudança ou transformação fora de uma realidade material, é isso que leva a uma dedução quanto ao sistema metafísico aristotélico, a saber, especificamente falando, naquilo que diz respeito a buscar reconhecer o movimento em diferentes tipos de substâncias, não apenas uma, passível de corrupção, translação, aumento e diminuição, etc.; há necessidade de uma realidade supra sensível, que estando além dessas categorias, possa participar, de modo diferente, dessa harmonia *Física*. Tais abordagens remetem às considerações acerca das quatro causas. “Matéria e forma são causas intrínsecas do devir. Causa externa é, ao invés, o agente ou causa eficiente: nenhuma mudança tem lugar sem essa causa, porque não pode haver passagem da potência ao ato sem que haja um motor já em ato. Enfim, é preciso a causa final” (1994, p. 377).

Por isso, segue-se a pesquisa sobre a constituição da realidade, a partir da metafísica aristotélica e do argumento ontológico de Deus como fonte originária do movimento, que as causas surgem como parte constitutiva da construção narrativa acerca desses princípios, sendo condição de possibilidade para tal.

2.2 Os modos causais

O pensamento aristotélico emerge como novo dentro de seu próprio contexto, levando em consideração a realidade e a produção dos pensadores que lhe precederam; e como já visto no capítulo anterior, *as causas* são elemento fundamental para isso. Na metafísica aristotélica, é atribuída a elas as bases da existência, por que não dizer as condições, pois também imbricam princípios associados a si, “‘causa’ e ‘princípio’, para Aristóteles, significam o que funda, o que condiciona, o que estrutura” (REALE, 1994, p. 340), que permitem, metafisicamente, falar de uma realidade explicável e passível de ser compreendida pelos homens: “é preciso adquirir a ciência das causas primeiras” (ARISTÓTELES, 2002, p. 15)²⁰.

²⁰ Aristóteles em *Metafísica*, I, 983 a 24

Segundo Giovanni Reale, as causas devem ser, para Aristóteles, “necessariamente finitas quanto ao número, e estabeleceu que, relativamente ao mundo do devir, reduzem-se à quatro causas: formal, material, eficiente e final” (1994, p. 340). A causa formal e material se referem “a forma ou essência e a matéria, que constituem todas as coisas”, elas podem sintetizar o “ser” das coisas, porém, elas estão sujeitas às outras duas causas, por isso não bastam a si mesmas para explicar, na totalidade, a realidade;

[...] De fato, [...] se considerarmos, por exemplo, determinado homem estaticamente, ele se reduz à sua matéria (carne e ossos) e a sua forma (alma mas se o considerarmos dinamicamente e perguntarmos: "Como nasceu". "quem o gerou?", "por que se desenvolve e cresce?", impõem-se duas outras razões ou causas a causa eficiente ou motora, isto é, os que o geraram, e a causa final, ou seja, o telos ou o fim ao qual tende a devir do homem (REALE, 1994, p. 340).

Reale coloca que as causas encontradas por Aristóteles na análise da doutrina dos predecessores não elegem unicamente este ou aquele fator, mas um conjunto de fatores que possibilitam a existência das coisas e dos seres. É por isso que na pesquisa sobre a constituição da realidade é preciso examinar cada uma das causas, e perceber os desdobramentos dessa compreensão da existência desenvolvida pelo Estagirita para chegar a dedução de uma realidade além da matéria sensível, sendo, esta realidade, a origem do movimento e das transformações.

A causa formal, como já mencionada acima, associada a causa material, constituem parte fundamental da essência das coisas e dos seres. Ela é a forma, em uma linguagem mais geral, como a silhueta, circunferência, ou aquilo que delimita, ou seja, que distingue uma coisa da outra pela sua estrutura. Por exemplo, se imaginar uma estátua de determinada personalidade, a forma que ela possui é sua causa formal, é aquilo que permite identidade ao ser, e que, associada a causa material constitui-se como tal. A causa material “aquilo de que é feita uma coisa” (REALE, 1994, p. 341). No exemplo anterior, da estátua, a sua causa material, pode ser a mais diversa possível: o bronze, o mármore, a madeira, etc., aquilo de que é feito algo, o substrato, a matéria, que recebe uma determinada forma.

Já a causa eficiente é a causa transformadora das coisas, pois é ela a responsável por dar forma a matéria, e também, em certa medida, é responsável pela finalidade das coisas, “aquilo de que provêm a mudança e o movimento das coisas” (REALE, 1994, p. 341). Ainda na alusão anterior feita usando a ideia de uma estátua, que, podendo ser esculpida de qualquer matéria prima adequada, passa pelas mãos do escultor que será responsável por lhe atribuir determinada forma, usando da força, de técnicas e instrumentos para favorecer o trabalho de

esculpir, que se destina a um fim objetivo, seja ornar uma praça, um espaço, um lugar público ou privado, ou ainda, um fim último, a que todas as coisas são destinadas, que seria a ideia de causa final ou teleológica: “constitui o fim ou o escopo das coisas e das ações; ela constitui aquilo em vista de que ou em função de que cada coisa é ou advém; e isso, diz Aristóteles, é o bem de cada coisa” (REALE, 1994, p. 341). Em última instância, todas as coisas tendem para um bem maior, ou um sumo bem, seria esse o fim das coisas e dos seres, dentro da lógica metafísica aristotélica.

Portanto, é notório que o “ser e o devir das coisas exigem em geral essas quatro causas. Estas são as causas próximas; mas, além delas, são necessárias as ulteriores causas fornecidas pelo movimento dos céus e a causa suprema do primeiro Motor Imóvel” (REALE, 1994, p. 341), que é o principal objetivo da presente pesquisa, pois é atribuído a essas causas e “movimentos dos céus” que Aristóteles irá deduzir este princípio, sobre o qual este estudo se dedicará agora em relação ao movimento, pois as “causas próximas”, ou seja, aquelas sujeitas a transformação e a mudança foram vistas.

2.3 Conceito de *Topos*, movimento e primeiro motor na metafísica aristotélica

Na perspectiva filosófico-metafísica desenvolvida pelo Estagirita que concebe a realidade a partir de causas e princípios, ou seja, uma condição material, física para o existir das coisas, um outro fator para a existência das coisas nessa concepção, está ligado à compreensão que os gregos tinham da realidade que não se divide; a concepção que se verificará mais a frente nesta pesquisa, mostrará que a realidade *suprassensível*, se refere ao Motor Imóvel participe da mesma esfera *Física* das coisas, não sendo considerada como uma realidade sobrenatural.

Sobre o aspecto de *lugar* natural, Aristóteles introduz a questão do espaço dentro da *Física*, algo que está também presente na *Metafísica*, pois ele deduz a necessidade de uma compreensão sobre o lugar, ou seja, ao falar de *topos*, não se fala apenas de espaço, mas também de lugar.

Com isso, relacionam-se as noções de movimento na metafísica a ideia de espaço no sistema aristotélico. O conceito de *topos*, lugar natural e espaço estão imbricados; já entre os primeiros comentadores de Aristóteles como “Averróis, Tomás de Aquino e João Buridan, entre outros intérpretes medievais, há a defesa da tese do lugar natural, este já como parte da causa final do movimento” (ÉVORA, 2006, p. 282). No artigo intitulado *Discussão Acerca do Papel Físico do Lugar Natural na Teoria Aristotélica do Movimento*, de Fátima Regina Évora,

encontra-se elementos interessantes para levantar a questão acerca do lugar das coisas e como a sua realidade, dotada de potência, como os demais seres, é capaz de mudar, de entrar na dinâmica do movimento, como ela mesma afirma:

Em algumas passagens da *Física* (especialmente IV, 1, 208b 11-25) Aristóteles afirma que os movimentos naturais dos corpos naturais e simples nos mostram não só que o lugar é *algo*, como também que possui uma certa potência (*dynamis*) ativa. Cada um dos seres, segundo Aristóteles, não havendo nada que os impeça, são levados para seus lugares naturais, uns para cima e outros para baixo. Estes lugares não só por suas posições relativas, mas também por possuem potências diferentes (ÉVORA, 2006, p. 282).

É, sobretudo na *Física*, mas também na *Metafísica*, que a questão do lugar ocupa um destaque central, seria possível verificar, já nos primórdios do pensamento aristotélico, uma visão da realidade universal como um espaço esférico, sem vazios, que, não podendo assumir outra forma, se não a esférica, constitui a realidade. A condição de existência passa a estar ligada à de lugar, e nesse ponto, também o gerador de todas as mudanças precisa estar em um espaço, precisa estar sujeito a realidade substancial das coisas; tem-se, então, a necessidade de diferenciar o conceito de substância em três: duas sujeitas ao movimento e à transformação, e uma terceira, o que ele chama de substância celeste, que está fora da mudança.

A “metafísica aristotélica é [...] a ciência que se ocupa das realidades que estão acima das físicas, das realidades transfísicas ou suprafísicas, e, como tal, opõe-se à física” (REALE, 1994, p. 335), pois é na realidade além dela que está boa parte da fundamentação, mesmo não estando fora da mesma condição “natural”, pois a “[...] metafísica foi denominada [...] tentativa do pensamento humano de ultrapassar o mundo empírico para alcançar uma realidade metaempírica” (REALE, 1994, p. 335).

Observando os astros, no firmamento, Aristóteles percebe como o movimento, o principal deles, a deslocação, não está presente na realidade celeste. Se o pressuposto da noção de deslocamento, um objeto *X*, sai do ponto *A* para o ponto *B*, pode-se dizer que este objeto, ao sair de *A* para *B*, sai de um espaço qualquer para o seu lugar natural. Esse esquema não se aplica às estrelas, pois estas não saem de um lugar para outro, no entanto, estão sempre onde deveriam estar, não sofrendo mudança, mas gerando, a partir de si, transformações. “Aristóteles usava, normalmente, a expressão *filosofia primeira* ou também *teologia* em oposição à *filosofia segunda* ou *física*” (REALE, 1994, p. 335), justamente por se referir a essa realidade celeste, onde foi possível perceber a realidade do movimento de translação, que será visto mais a frente, no terceiro capítulo desta pesquisa.

3 O ARGUMENTO METAFÍSICO ACERCA DO PRIMEIRO MOTOR

Emitir resposta ao problema das transformações, como a realidade se constitui, as categorias do ser, a substância, seja ela sensível ou suprassensível e a natureza de cada uma delas; é objeto da reflexão metafísica. Preocupando-se com a estrutura, sentido e fundamento de todo real, Aristóteles inaugura um novo tempo para a filosofia. A mobilidade das coisas e da natureza, a matéria, que seria aquilo de que são feitas todas as coisas, algo que sem ela, a coisa não é; e a forma; o ato, como forma atual de se apresentar determinado objeto no presente ou a potência como possibilidades de ser para este mesmo objeto. É assim que surge a necessidade de uma compreensão ampla da realidade, que transcende ao sensível.

Através da observação dos astros, do movimento dos seres, Aristóteles chega a conclusão de que existe, de fato, um movimento originário das coisas. A compreensão do ser metafísico gerador da realidade, passa pela condição aristotélica de, assim como os antigos, “regredir ao infinito”, e, partindo das coisas, buscar, pela contemplação, o elemento fundante e originário de tudo. É nesse sentido que o Prof. Urbano Zilles (2019), fala de uma metafísica arqueológica - ou, como o próprio Aristóteles chamou: o estudo das causas e dos princípios - *filosofia primeira* - pois busca as causas e os princípios *primeiros* da realidade.

A metafísica possui também um aspecto ontológico que se presta a ser uma ciência do *ser* enquanto *ser*, compreendendo a realidade não por *recortes* ou *particulares*, mas sim, num sentido geral, total. Ela ainda é *teológica* quando busca a primeira substância (ZILLES, 2019). Nesse ponto, surge, talvez o primeiro e grande problema metafísico aristotélico, diretamente relacionado à substância, sua natureza e características. Aristóteles pretende responder aos seus predecessores e ao seu mestre, Platão, porém, antes necessita esclarecer esta questão.

3.1 Substância: matéria e forma

O afresco renascentista de Rafael Sanzio (1509-1510), retrata a Escola de Atenas. Nele, é possível identificar, logo ao centro, as figuras de Platão e Aristóteles claramente em oposição. Platão aponta para o alto, enquanto Aristóteles parece moderar o “movimento platônico” estendendo a mão, aberta! É notória a intensão de apresentar, através da arte, uma síntese da compreensão ocidental da filosofia desses dois grandes filósofos. Para elucidar melhor a intenção de Rafael Sanzio, basta assumir que a teoria das ideias ou formas se relaciona a uma realidade essencialmente imaterial, fora da sensibilidade; ao contrário, Aristóteles

indicaria, com sua física e metafísica, uma essência do real presente no sensível, não apenas como um modo de ser, mas vários modos.

Entre os modos de dizer os seres, Aristóteles entende que a essência das coisas não estaria em um mundo ideal ou que dependesse exclusivamente deste para conferir as coisas o estatuto ontológico. Para explicar melhor essa compreensão aristotélica, basta recorrer as *Categorias*. No decurso de sua obra, Aristóteles varia muito o número e as categorias, no entanto, para esta pesquisa, serão admitidas dez, presentes no volume quatro da “História da Filosofia Grega e Romana” de Giovanni Reale (2013). São elas: a substância, a qualidade, a quantidade, a relação, a ação, a paixão, o lugar, o tempo, a posse e o jazer. Ainda contando com as noções de ato e potência como modos diferentes de dizer o ser.

Aristóteles concebe a *filosofia primeira* sobre quatro principais aspectos, como já visto mais acima três desses aspectos, mas há um outro em particular que toca a questão metafísica do modo muito direto, seria o aspecto da substância (REALE, 1994) sobre o qual indaga - o que é a substância em geral? Primeiro, Aristóteles quer responder essa pergunta. “O problema ‘que é a substância?’ implica, também, o problema ‘que tipos de substâncias existem?’ Só as sensíveis *ou também as suprassensíveis e divinas*” (REALE, 1994, p. 337) - não a substância *suprassensível*, que será evidenciada logo em seguida, mas antes é preciso identificar as propriedades e a natureza desse elemento:

E na verdade, o que desde os tempos antigos, assim como agora e sempre, constitui o eterno objeto de pesquisa e o eterno problema: “que é o ser” equivale a este: “que é a substância” (e alguns dizem que a substância é única, outros, ao contrário, que são muitas e, dentre estes, alguns sustentam que são em número finito, outros em número infinito); por isso também nós devemos examinar principalmente e, por assim dizer, exclusivamente, o que é o ser entendido neste significado (ARISTÓTELES, 2002, p. 289)²¹.

Depois de apresentar a centralidade da doutrina das causas e ter apresentado o ser da substância, Aristóteles entra na questão da *ousiologia*, a ciência das substâncias (REALE, 2002) para evidenciar as suas características questionando sobre a sua natureza e modos. Giovanni Reale comenta que as substâncias são o ser fundamental e que isto resulta de qualquer modo, na consideração de que o real, a substância, são sempre o primeiro momento da realidade; o que não é substância é dito como “ser” mediado a substância; a substância é independente e existe por si mesma e que entre os antigos essa primazia da substância é evidente (2002, p.581). Efetivamente, para Aristóteles, há três tipos de substância, que segundo ele, são: as substâncias

²¹ Aristóteles em *Metafísica*, VII, 1028 b 2 – 8.

sensíveis, que se dividem em mais duas - a) uma substância sensível eterna (seriam as estrelas, os astros, planetas), b) e uma corruptível (o mundo sublunar) - e por último uma substância imóvel, que alguns filósofos do seu tempo a tomam como separada, à parte.

Por esse motivo é que Aristóteles considera essa questão como primordial para a compreensão da realidade, pois “[...] se existe alguma substância separada das sensíveis, por quê existe e de que modo existe, ou se, além das sensíveis, não existe nenhuma substância” (ARISTÓTELES, 2002, p. 291)²². Porém, antes de adentrar nesse ponto é necessário explicitar a definição de substância para que o leitor perceba no que consiste a diferença fundamental da metafísica aristotélica em relação à metafísica platônica.

O problema da substância na metafísica aristotélica, como já visto antes, reside sobre o modo geral em que consiste a substância. De modo geral, a substância é a matéria, a forma ou a junção de ambas as categorias? No livro VII da *Metafísica* há inúmeras referências sobre esse tema, mas no número 33²³ Aristóteles apresenta a substância sobre quatro aspectos: como essência, como universal, como gênero e como substrato. Todavia, o aspecto do substrato, “aquilo de que são predicadas todas as coisas, enquanto ele não é predicado de nenhuma coisa” (ARISTÓTELES, 2002, p. 291)²⁴, é, segundo o autor, primeiro ponto a ser analisado: o substrato deve ser analisado em primeiro lugar pelo fato de que nele há a compreensão de matéria em um sentido, da substância em outro e, por último, da junção entre a matéria e a forma, o que Reale denomina de *sínolo*²⁵, neste estudo, interessa apenas o aspecto da substância enquanto substrato, pois é o modo pelo qual se alcança a ideia geral proposta por Aristóteles que levará a conclusão da substância supra-sensível.

A linguagem, dentro da discussão sobre síntese entre matéria e forma, assume uma função de “espelhamento da realidade”, pois ela é, no modo aristotélico de compreensão da realidade, as possibilidades do ser, de maneira a evidenciar a possibilidade de existência com a verificabilidade da afirmativa.

Aristóteles entende a forma associada à matéria como melhor condição de compreensão das coisas, mesmo que admita que a forma pode ser dita independentemente da matéria. Porém, o ser dito segundo a substância - enquanto junção de matéria e forma -, não carece de outros predicados, pois basta-se a si mesma para denotar o ser e o seu modo de existir. Ao apresentar o ser segundo a matéria, a forma e a junção entre ambas, Aristóteles retoma os

²² Aristóteles em *Metafísica*, VII, 1028 b 28 – 30.

²³ Cf. *Metafísica*, Z, 1028 b 33 – 1029 a 3.

²⁴ Aristóteles em *Metafísica*, VII, 1028 b 36.

²⁵ Por *sínolo* se entende o composto (junção) de matéria e forma.

seus predecessores reconhecendo neles algo de “verdadeiro” nas afirmativas sobre a substância, indicado já sua resposta ao evidenciar que o erro dos que pensaram tal questão estavam equivocados na resposta unilateral - para os naturalistas substância era o substrato material; para Platão era a forma e o universal -²⁶. Tendo apresentado a questão da substância, sua natureza e modos, é preciso agora observar este da ousiologia tendo em mente a realidade suprassensível do que a realidade é também constituída.

3.2 Substância suprassensível: a constituição do real a partir do Motor Imóvel

Neste ponto, em que se apresenta o modo pelo qual Aristóteles assegura a existência de uma substância suprassensível, como a dedução aristotélica se desenvolve com vistas a garantir o *status* de discurso científico nos moldes da produção desse gênero no seu determinado período histórico. Anteriormente, mencionou-se as três substâncias admitidas pelo Estagirita, a saber: as substâncias sensíveis corruptíveis (o mundo sublunar), as substâncias sensíveis eternas (as estrelas, os astros; mundo lunar ou celeste), e a substância suprassensível.

O estudo e a busca pelas *causas e os princípios primeiros ou supremos*, para tal, precisa esclarecer *o Ser enquanto Ser*, bem como indagar sobre *a substância*. A metafísica se pergunta, portanto, sobre as realidades que estão “para além” da *Física: Deus e a substância suprassensível* (REALE, 1994). O pano de fundo da contemplação metafísica, no que se refere a substância, é sobre a existência ou não da substância suprassensível. Aristóteles tenta responder a essa questão que Platão deixou em aberto²⁷:

Para o Estagirita, existem três gêneros de substâncias hierarquicamente ordenadas; duas são de natureza sensível: 1) o primeiro é constituído pelas substâncias sensíveis que nascem e perecem, 2) o segundo é constituído pelas substâncias sensíveis, porém incorruptíveis. Estas substâncias "sensíveis", porém, "incorruptíveis", são os céus, os planetas e estrelas, que, segundo Aristóteles, são incorruptíveis porque constituídos de matéria incorruptível (o éter, quintessência), capazes apenas de movimento ou mudança local, não passíveis de alteração, [...]. A substância sensível corruptível, ao invés, está submetida a todos os tipos de mudança. Justamente porque a matéria da qual é constituída inclui a possibilidade de todos os contrários [...]. Acima destas existem 3) as substâncias imóveis, eternas e transcendentais ao sensível, que são Deus ou Motor imóvel [...]. (REALE, 2013, p. 56-57)

²⁶ Cf. REALE, 2013.

²⁷ Problema levantado pela “segunda negação platônica” – por “segunda navegação”, entenda-se o reconhecimento da existência de dois planos do ser: palpável, sensível; e outro invisível, em linhas gerais, seria o *eidos* platônico puramente inteligível.

Reale sintetiza em seu comentário aquilo que o autor, no livro Λ (décimo segundo)²⁸, expressa claramente que os dois primeiros gêneros de substâncias são formados pela junção entre matéria e forma, bem como sujeitas as transformações, já as incorruptíveis não, por serem constituídas por *éter*²⁹ puro. “A substância suprassensível é, ao invés, forma pura absolutamente privada de matéria. [...], o terceiro gênero de substância constitui o objeto peculiar da metafísica [...]” (REALE, 2013, p. 57). Agora é necessário verificar o modo pelo qual Aristóteles chega a conclusão da existência da terceira substância.

O Estagirita buscou demonstrar a existência da substância suprassensível através da dedução de que a realidade não vem do caos, e que toda a natureza é desde sempre, sendo as substâncias a constituição de tudo, e, também, realidades primeiras, “no sentido de que todos os outros modos de ser dependem, [...] da substância” (REALE, 2013, p. 57). Para ele, se as substâncias fossem todas corruptíveis, não haveria nada de incorruptível. Porém, Aristóteles verifica que o tempo e o movimento não participam da corruptibilidade:

[...] é impossível que o movimento se gere e se corrompa, porque ele sempre foi, e também não é possível que se gere e se corrompa o tempo, porque não poderia haver o antes e o depois se não existisse o tempo. Portanto, o movimento é contínuo, assim como o tempo: de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento ou uma característica dele. (ARISTÓTELES, 2002, p. 558 – 559)³⁰

O tempo não se gerou a si mesmo, menos ainda se corrompe: antes da geração do tempo, necessariamente deve ter havido um "antes", do mesmo modo, depois do tempo deve haver um "depois". O "antes" e "depois" são categorias de tempo. Sempre houve o tempo, antes ou depois; o tempo é eterno. E o mesmo raciocínio serve para o movimento, pois, segundo Aristóteles, o tempo é a mesma coisa do movimento, não podendo existir tempo sem o movimento; desse modo, “a eternidade do primeiro postula a eternidade do segundo” (REALE, 2013, p. 57). No entanto, é preciso esclarecer as condições de subsistir um movimento e um tempo eterno.

O Estagirita afirma que só é possível tais realidades se houver um princípio primeiro que possua as mesmas categorias do tempo e do movimento. Aristóteles diz que o princípio deve ser eterno, imóvel e ato puro. Por eterno, deve se ter em mente a não sujeição as alterações

²⁸ Cf. *Metafísica*, Λ 6-7, *passim*.

²⁹ Para Aristóteles o *éter* seria a substância incorruptível, diferente dos outros quatro elementos (terra, água, ar e fogo), formadores dos seres sublunares, não estando sujeito a alteração, enquanto as demais eram passíveis de alterações.

³⁰ Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1071 b 6 –10.

a que as coisas estão; “se o movimento é eterno, eterna deve ser a sua causa” (REALE, 2013). Isto garante a reflexão metafísica de Aristóteles, seu valor epistêmico, pois, do contrário, a regressão ao infinito conduz a algo ininteligível, portanto, fantasioso, por isso a causa só pode ser eterna.

Por imóvel entende-se que para explicar o movimento é preciso admitir um princípio que não seja submetido ao movimento, pois tudo que se move é movido antes por algum outro ser, esse ser, por sua vez, é movido por outro. Assim, seria absurdo, pois:

pensar que se poderia ir de motor em motor ao infinito, porque um processo ao infinito é sempre impensável nesses casos. Ora, se é assim, não só devem existir princípios ou motores relativamente móveis, dos absolutamente quais dependem os movimentos particulares, mas - e a fortiori - deve haver um Princípio absolutamente primeiro e imóvel, do qual depende o movimento de todo o universo. (REALE, 2013, p. 58)

Por último, esse princípio deve ser privado de toda possibilidade, ou seja, configurar-se como ato puro. Se o princípio primeiro fosse dotado de potencialidade, “poderia também não mover em ato”; porém, isso é absurdo, “porque nesse caso não existiria o movimento eterno dos céus, o movimento sempre em ato” (REALE, 2013). Portanto, como o movimento é dado como eterno, é necessário haver um Princípio eterno que o produza, e é necessário que tal princípio seja dotado dessas categorias (eterno, imóvel, e puro ato).

Esse é o Motor imóvel, que não é senão a substância suprassensível (REALE, 2013). Todavia, essa afirmativa não resolve o problema da constituição da realidade em si, pois, sabendo que o Motor imóvel é o princípio primeiro do movimento, como ele se realiza como tal? Aqui o Estagirita recorre a experiência do mundo sensível para tentar elucidar, alegoricamente, o modo como Deus move as coisas. *Há, então, alguma coisa ou ser que consiga mover sem mover-se a si?* Aristóteles responde que “[...] < o primeiro movente > move como o que é amado, enquanto todas as outras coisas movem sendo movidas” (ARISTÓTELES, 2002, p. 563). o Motor, assim como o objeto de amor, atrai o amado.

Aristóteles também indica, como exemplo, o desejo e a inteligência:

Ora, o objeto primeiro do desejo e o objeto primeiro da inteligência coincidem de fato, o objeto do desejo é o que se nos mostra como belo e o objeto belo e não, ao contrário. Primeiro da vontade racional é o que é objetivamente belo: e nós desejamos algo porque acreditamos, ser belo porque o desejamos"; de fato, o pensamento é o princípio da vontade racional. E o intelecto é movido pelo inteligível, e a série positiva dos opostos é por si mesma inteligível; e nessa série a substância tem o primeiro lugar, e, ulteriormente, no âmbito da

substância, o primeiro lugar cabe à que é simples e em ato [...]. (ARISTÓTELES, 2002, p. 563)³¹

O objeto do desejo do homem é pelo belo e pelo bom; o belo e o bom atraem a vontade do homem sem se mover, assim também o inteligível move a inteligência sem mover-se a si mesmo. E assim também a causalidade exercida pelo Primeiro Motor acontece. Deus atrai como objeto de amor, e faz isso como fim; “a causalidade do Motor imóvel é pois, propriamente, uma causalidade de tipo final” (REALE, 2013, p.59), todavia, embora o mundo fosse

[...] totalmente influenciado por Deus, pela atração que Ele exerce como supremo fim, pelo desejo do perfeito, não teve começo. Não houve um momento no qual havia o caos (o não-cosmo). Justamente porque, se assim fosse, contradir-se-ia o teorema da prioridade do ato sobre a potência: primeiro haveria o caos, que é potência, depois haveria o mundo, que é ato. Mas isso é tanto mais absurdo pelo fato de Deus ser eterno: sendo eterno, Deus, como objeto de amor, sempre atraiu o universo, o qual, portanto, desde sempre deve ter sido como é. (REALE, 2013, p.59)

O fato de que a compreensão de natureza dos gregos não está presente a ideia cristã de Deus, muito menos os atributos relacionais deste com uma realidade criada, diferente do Deus aristotélico, que tendo sempre existido, existiu juntamente com o real, não cabendo a ele o atributo de criador das coisas, mas parte constitutiva da realidade, não a plenitude das coisas, nem ao fim, enquanto meta religiosa, mas como condição de existência da realidade da qual faz parte.

Segundo o comentário do professor Giovanni Reale, Deus possui uma natureza intrínseca, caracterizada pela vida e pelo pensamento de pensamento, embora que esse Ser não é semelhante a hermenêutica cristã, ele é sim sinônimo de máxima vida excelente e perfeita. Mas essa vida, da qual os homens participam em certa medida, mesmo que por tempo determinado, é a vida do puro pensamento:

[...] seu modo de viver é o mais: é o modo de viver que é concedido por breve tempo. E naquele estado Ele está sempre. Isso é impossível para nós, mas para Ele não é impossível, pois o ato de seu viver é prazer. E também para nós [...] a sensação e o conhecimento são sumamente agradáveis, justamente porque são ato, e, em virtude deles, também esperanças e recordações. Ora, o pensamento que é pensamento por si, tem como objeto o que por si é mais excelente, e o pensamento que é assim maximamente tem como objeto o que é excelente em máximo grau. (ARISTÓTELES, 2002, p. 565)³²

³¹ Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1071 b 26 – 31.

³² Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1072 b 13 – 19.

Como é possível perceber, Aristóteles insere a questão da natureza do Motor imóvel como vida excelente e pensamento puro, por que essas características denotam o ser e o fazer do primeiro princípio enquanto tal. Mas quanto ao pensamento, que é inteligência, sobre o que pensa Deus? Aristóteles (2002, p. 565) continua,

A inteligência pensa a si mesma, captando-se como indelével: de fato, ela é inteligível ao intuir e ao pensar a si mesma, de modo a coincidirem inteligência e inteligível. A inteligência é, com efeito, o que é capaz de captar o inteligível e a substância, e em ato quando os possui. Portanto, muito mais do que aquela capacidade, o que de divino há na inteligência é essa posse; e atividade contemplativa é o que há de mais prazeroso e mais excelente. (ARISTÓTELES, 2002, p. 565)³³

Logo, Deus pensa a si mesmo enquanto verdadeira atividade contemplativa, pois é o modo como se conhece realmente as coisas, ou seja, as substâncias, e Deus possui essa capacidade de pensar-se e contemplar-se a si, pensamento de pensamento. O Estagirita também concluiu que Deus, sozinho, não explicava o movimento de todas as coisas, ou “esferas das quais ele pensava serem os céus constituídos. Deus move diretamente o primeiro móvel – o céu das esferas fixas – mas entre essa esfera e a Terra existem muitas outras esferas” (REALE, 2013, p. 61). Eis os dois caminhos de possíveis respostas: a) ou as esferas são movidas pelo movimento que acontece no primeiro céu, que passa de uma a outra mecanicamente; b) ou são fruto de outras substâncias suprassensíveis, com características semelhante as de Deus: imóveis e eternas.

Aristóteles resolve a questão através da segunda alternativa, considerando que o movimento das outras esferas é originado por outras substâncias suprassensíveis, que possuem os mesmos atributos de eterno e imóveis do Primeiro motor. A primeira alternativa não resolveria o problema pelo fato de desencadear outro; caso o movimento fosse gerado por outras, de modo mecânico, o movimento das diferentes esferas seriam vários. De fato, segundo a visão astronômica desse período, não poderia haver movimentos uniformes que produzissem o movimento dos planetas (REALE, 2013). E assim não teria o movimento do primeiro céu e os diferentes movimentos, nem a atração uniforme de um único Motor. Assim Aristóteles introduziu uma multiplicidade de motores, estabelecidos também como substâncias suprassensíveis, capazes de mover de modo semelhante ao primeiro princípio. Com isso, Aristóteles,

³³ Aristóteles em *Metafísica*, XII, 1072 b 20 – 24.

Com base nos cálculos do astrônomo do seu tempo, Calipo, e operando algumas correções que pessoalmente considerava necessárias, Aristóteles estabeleceu o número de cinquenta e cinco para as esferas celestes [...]. E se tantas são as esferas, de igual número devem ser as substâncias imóveis e eternas que produzem os movimentos daquelas. Deus ou Primeiro Motor move diretamente a primeira esfera, e só indiretamente as outras; outras cinquenta e cinco substâncias suprassensíveis movem as outras cinquenta e cinco esferas. (REALE, 2013, p. 62)

Aristóteles estaria, com essa afirmativa, apresentando um novo politeísmo? – pergunta Reale. Tanto para Aristóteles, como para Platão e para o mundo grego, - continua Reale - o Divino designa um amplo estado de significado, admitindo “múltiplas e diferentes realidades”. Aristóteles define como divino o Motor Imóvel, bem como as demais substâncias suprassensíveis motoras dos céus, também os astros, as estrelas, as esferas e o *éter*. Considera também como divina a alma intelectual dos homens. Em síntese, divino seria tudo o que é eterno e incorruptível. E ademais

O grego não percebeu a antítese unidade-multiplicidade do divino: e não é, pois puramente contingente o fato de a questão nunca ter sido explicitamente tematizada nesses termos.

Dada a *forma mentis* do grego, admitir a existência de cinquenta e cinco substâncias suprassensíveis além da primeira, isto é, do Motor Imóvel, devia parecer coisa muito menos estranha do que para nós. Porém, mesmo admitindo isso, devemos dizer que é inegável uma tentativa de unificação por parte de Aristóteles. Antes de tudo ele chamou explicitamente com o termo Deus, em sentido pleno, só o Primeiro Motor. (REALE, 2013, p. 62)

Dizer que há outras substâncias suprassensíveis poderia ferir o conceito de unicidade do primeiro Motor, mas Aristóteles não se preocupa em responder a essa questão, deixando em aberta, assim como a ideia de Deus em meio a pluralidade dos motores. Por fim, Aristóteles afirma a “unicidade do Primeiro Motor- Deus” semelhantemente a unicidade do mundo, e encerra “livro teológico da Metafísica”, como “solene afirmação de que as coisas não querem ser mal governadas por uma multiplicidade de princípios” (REALE, 2013)³⁴. Com essa afirmação final, denota-se uma hierarquia das esferas celestes que movem os astros, e isso

[...] explica bem a existência de substâncias individuais diferentes umas das outras: são formas puras imateriais, umas inferiores as outras. Todavia elas são, de algum modo, Deuses inferiores. Em Aristóteles há, pois, um monoteísmo de exigência mais que efetivo. De exigência, porque ele tentou separar nitidamente o Primeiro Motor dos outros, pondo-o num plano totalmente diverso, de modo a poder legitimamente chamá-lo de único, e

³⁴ Cf. *Metafísica*, Λ 10 1076 a 1 – 2.

deduzir dessa unicidade a unicidade do mundo. Mas essa exigência é transgredida, porque as cinquenta e cinco substâncias motoras são igualmente substâncias imateriais eternas que não dependem do Primeiro Motor quanto ao ser. O Deus aristotélico não é criador das cinquenta e cinco inteligências motoras: e daqui nascem todas as dificuldades [...]. (REALE, 2013, p. 63)

No entanto, o Estagirita deixou sem resposta a dificuldade da afirmação de outras substâncias “menores” ou inferiores, mas independentes de Deus enquanto ser. Deus, que pensa e contempla a si mesmo, não “é só um *momento* da pesquisa metafísica, mas é o *momento essencial e definidor*”; e “com base nisso, compreende-se bem que Aristóteles tenha “utilizado o termo *teologia* para indicar a metafísica” (REALE, 1994, p. 337). Por esse motivo, o presente estudo, pretensiosamente, esclarece a questão sobre o Primeiro Motor, passando por toda a problemática do movimento e da constituição da realidade na *Metafísica* até a percepção da unicidade das coisas, onde participam as “pluralidades”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atualidade do pensamento aristotélico é evidente nas mais diversas áreas do saber que se referem a natureza, a filosofia política, a *cosmologia*, e por fim, mas não menos importante, a *metafísica*, lançando as bases da ciência como a conhecemos hoje. A investigação sobre o mundo, que motivou a produção filosófica de muitos dos primeiros mestres da filosofia, está presente também (como foi visto), no pensamento clássico de Platão e Aristóteles. Verificando nas doutrinas de seu mestre, como bom discípulo, Aristóteles buscou superar as dificuldades que Platão deixou com sua “metafísica”. Para tal, precisou recorrer, dentre os que antes se propuseram a enfrentar tal desafio de encontrar a gênese do cosmo, as bases para defender sua visão da natureza e também aquilo que está para além dela. O Estagirita não se limitou a imitar ou perpetuar as doutrinas dos antepassados, mas, com seu rigor metodológico, foi além.

A busca sobre Deus não é só um momento da pesquisa metafísica, mas é o momento essencial e definidor – o presente trabalho buscou esclarecer a constituição do real a partir das categorias apresentadas no Primeiro Motor aristotélico, passando pela problemática da negação do movimento no início da Filosofia, tentando responder a pergunta sobre o surgimento da realidade ou os fundamentos da mesma, e como se daria o conceito de Deus, Primeiro Motor, e o modo como ele resolveria o problema sobre o movimento.

No livro I da *Metafísica*, Aristóteles explica o estudo da sapiência e justifica a necessidade de tal investigação afirmando que todos os homens tendem ao saber, e isso acontece por causa de sua natureza, por causa do seu amor pelas sensações, é que o homem desenvolve inteligência e essa lhe permite compreender o mundo a sua volta. O que impulsiona a pesquisar sobre determinado aspecto do saber é o desejo de encontrar respostas aos problemas do mundo. Com a pesquisa acerca da metafísica não é diferente, ela busca lançar luzes sobre a realidade em sentido estrutural, fundamental e final: pensa o Ser, o movimento, as transformações, as causas e o fundamento da realidade.

Toda a obra de Aristóteles é permeada por sua teoria metafísica. Os pressupostos do seu pensamento se evidenciam em frases e passagens das célebres obras como *Política*, *Ética à Nicômaco* e *Física*. O trabalho em questão teve como objetivo compreender como se deu a concepção de Deus como Primeiro Motor dentro da resolução do problema acerca da origem do movimento e, por conseguinte, de toda a realidade que decorre das transformações.

Verificou-se como o autor, dentro das categorias de pensamento e da produção filosófica de seu tempo, ofereceu uma profunda reflexão sobre a estrutura, os fins e os

fundamentos da realidade, sem ferir os princípios epistêmicos do fazer filosófico, sem deixar de ser “racional”, muito menos sem recorrer a discursos mitológicos para expressar uma compreensão da realidade, pelo contrário, desenvolveu uma verdadeira argumentação lógica para deduzir os princípios que foram apresentados nesta pesquisa; considerado Deus, Ser enquanto Ser, não como uma realidade sobrenatural ou religiosa, a *Metafísica* de Aristóteles investiga Deus como origem da mudança para enriquecer a reflexão sobre o mundo e sobre o homem.

Como não há possibilidade de se esgotar tais questões, ainda hoje é preciso considerar sem resposta a pergunta sobre o surgimento ou constituição da realidade. Voltar ao período clássico da filosofia, precisamente a Aristóteles, é reconhecer a importante contribuição deste filósofo para o avanço da reflexão acerca da compressão do mundo e, naturalmente, da compreensão que o homem tem de si mesmo.

Levando em consideração os aspectos principais da teoria metafísica - substância, ato/potência, as quatro causas – desenvolveu-se uma argumentação que consiste na tentativa de compreender, a partir de Aristóteles, a origem do movimento originado em Deus; e perceber nesse Ser – Imóvel, porém, capaz de gerar movimento, a constituição da natureza – a causa e o princípio da realidade. Buscou-se também apresentar e contextualizar o problema acerca da constituição do real a partir das transformações na filosofia pré-socrática através da análise que Aristóteles faz de seus predecessores no livro A (alfa) da *Metafísica*. Na obra aristotélica a realidade é constituída por causas e princípios, e o estagirita expõe essa visão justificando as causas e os princípios trazendo presente o que outros disseram, aqueles que o antecederam.

O exame dos predecessores apresenta o desenvolvimento da análise do que lhe seria útil para justificar a *doutrina metafísica*. A análise dos predecessores não assumiu um caráter historicista; Aristóteles não o fez de maneira desinteressada, apenas para apresentar doutrinas ou princípios desenvolvidos por algum filósofo, ele o fez levando em conta a revisão das causas do que existia para assim propor também ele as causas, os princípios e os fundamentos de tudo que existe.

Começando pelas quatro causas - material, formal, eficiente e final -, passando pela explicação das transformações nos conceitos de “ato” e “potência”, chega a origem de todo movimento, a começar dos movimentos celestes, movimentos perfeitos, sinais do movimento constante de Deus, que irá resultar na fundação de sua teologia, encontrando no argumento de Deus a origem e a manutenção das transformações; Sobre este aspecto, este estudo fez uma explanação, apresentando e explicando o argumento metafísico de Deus na *Metafísica* aristotélica, destacando a noção de mundo, de causas eficientes e finais, materiais e formais,

dos princípios de movimento e outros, possibilitando o desenvolvimento de uma noção de mundo original, fundamentada na natureza e a partir dela mesma, compreendida como uma única realidade, onde tudo está interligado, unido, condicionado pelas mesmas causas e princípios.

O principal lugar de discussão sobre o Primeiro Motor, encontra-se no conceito de substância que Aristóteles discorre no seu livro teológico por excelência, o livro Λ (lambda – XII) *Metafísica*. Nele o Estagirita oferece a argumentação sobre a existência e importância da substância suprassensível, ou seja, o próprio Motor Imóvel. Levando em consideração a natureza desta pesquisa e as circunstâncias em que foi realizada, dispondo de certa escassez de materiais que proporcionassem uma reflexão completa dos principais aspectos da *doutrina metafísica aristotélica*, foi realizado um extenso comentário sobre a principal obra do grande filósofo clássico Aristóteles, usando como base os comentários do Professor italiano de História da Filosofia, Giovanni Reale, bem como do Professor e pesquisador Eduardo Bittar, que dedicaram grande esforço para comentar toda a obra aristotélica, possibilitando ao leitor contemporâneo acesso a reflexão do grande Peripatético.

Ademais, este trabalho denota a importância do estudo metafísico ainda hoje com o pensamento filosófico, sobre a reflexão, acerca da vida, o sentido das coisas e do homem. Sabendo da inviabilidade de se esgotar totalmente as possibilidades de explicação do mundo, insistir nessa pesquisa significa avançar, sempre mais, para reflexões sérias sobre a visão geral do mundo e da existência, e aqui é indiscutível a relevante contribuição da filosofia clássica para esse tema, e como ela pode vir a enriquecer a reflexão sobre o mundo, as coisas, o homem hoje.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Vol. II e Vol. III. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Fontes secundárias:

ABBAGNANO, Nicola, **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BITTAR, Eduardo C. B., **Curso De Filosofia Aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri: Manole, 2003.

BORNHEIM. Gerd A., **Os filósofos pré-socráticos**. 15. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

ÉVORA, Fátima Regina R. **Discussão Acerca do Papel Físico do Lugar Natural na Teoria Aristotélica do Movimento**. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Campinas: Série 3, v. 16, n. 2, p. 281-301, jul. - dez. 2006. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/607/485>. Acesso em: 17 nov. 2020.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles**; tradução de Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: pagã antiga**. Vol. I. São Paulo: Paulus. 2003

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. Vol. II. Platão e Aristóteles. Tradução de Henrique Cláudio de Lima e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. **História da filosofia Grega e Romana**. Vol. IV. Aristóteles. Tradução de Henrique Cláudio de Lima e Marcelo Perine, 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ZILLES, Urbano. **Discurso sobre o fim da metafísica**. São Paulo: Paulus, 2019.